

# O passador não é um tradutor, é um contrabandista. Resposta a Derrida

---

Eveline Campos Hauck

## Resumo

Este texto se propõe responder a uma provocação que nunca foi feita, isso não apenas pelo prazer do debate, mas sobretudo por considerar uma pena que os xarás Jacques Lacan e Jacques Derrida não tenham discutido, até onde sei, a relação entre tradutor e passador. O intuito é pensar a tarefa do passador em sua comparação com a tarefa do tradutor, usando como motivo um caso, um caso em primeira pessoa.

## Palavras-chave:

Passador; Tradutor; Chiste.

## The passer is not a translator, he/she is a smuggler. Response to Derrida

## Abstract

This text aims to respond to a provocation that was never made, not just for the pleasure of debate, but above all because it is regrettable that the namesakes Jacques Lacan and Jacques Derrida had never discussed, as far as I know, the relation between the translator and the passer. The intention is to think about the task of the passer in comparison with the task of the translator, using as a motive a case, a case in the first person.

## Keywords:

Passer; Translator; Wit.

## **El pasador no es un traductor, es un contrabandista. Respuesta a Derrida**

### **Resumen**

Este texto se propone responder a una provocación que nunca se planteó, no solo por el placer del debate, sino sobre todo porque es una lástima que los tocayos Jacques Lacan y Jacques Derrida no discutieran, hasta donde sé, la relación entre traductor y pasador. La intención es reflexionar sobre la tarea del pasador en comparación con la tarea del traductor, utilizando como motivo un caso, un caso en primera persona.

### **Palabras clave:**

Pasador; Traductor; Chiste.

## **Le passeur n'est pas un traducteur, c'est un passeur. Réponse à Derrida**

### **Résumé**

Ce texte se propose de répondre à une provocation qui n'a jamais été faite, non seulement pour le plaisir du débat, mais surtout parce qu'il est regrettable que les homonymes Jacques Lacan et Jacques Derrida n'aient, à ma connaissance, jamais discuté de la relation entre le traducteur et le passeur. L'intention est de réfléchir à la tâche du passeur en la comparant à celle du traducteur, en prenant comme motif un cas, un cas à la première personne.

### **Mots-clés :**

Passeur ; Traducteur ; Trait d'esprit.

Em uma passagem de *Des tours de Babel*, Jacques Derrida (2002) faz uma menção desdenhosa ao *passeur* e ao *passant*.<sup>1</sup> Ele está ali tratando de Babel, dos nomes-do-pai, da multiplicidade das línguas, da tradução. Para dizer da tradução, Derrida propõe uma performance, uma performance babélica: traduzir a tradução de Maurice de Gandillac de um texto de Walter Benjamin, que é, por sua vez, um prefácio à sua tradução de *Tableaux parisiens*, de Charles Baudelaire. O que quer Derrida com isso tudo? A bem da verdade, é que ele quer teorizar sobre a tradução traduzindo. Ele diz assim:

*Reppelant cette étrange situation, je ne veux pas seulement, pas essentiellement réduire mon rôle à celui d'un passeur ou d'un passant. Rien n'est plus grave qu'une traduction. Je voulais plutôt marquer que tout traducteur est en position de parler de la traduction, à une place qui n'est rien moins que seconde ou secondaire.* (Derrida, 1998, p. 218, grifo nosso)<sup>2</sup>

“Nada é mais grave que uma tradução”, não duvido, mas o que isso tem a ver com o passante ou, mais especificamente, com o passador?

*Passant e passeur*, assim como Lacan nomeou dois dos três elementos de seu dispositivo de nomeação do Analista de Escola, o AE, são os termos usados aqui. Derrida possivelmente não se refere ao passe de seu xará, mas vou tomar a referência desse modo, ou melhor, vou lê-la como uma provocação, de forma a interrogar a tarefa do passador, em sua comparação com a tarefa do tradutor. Claro que tradução e psicanálise não são práticas estranhas entre si, isso já desde Freud. Se o inconsciente foi pensando em sua relação com a linguagem, a prática tradutória tem lugar privilegiado no manejo linguístico, e o tradutor está, antes de tudo, posicionado ali onde a língua se mostra opaca, ou, como se diz atualmente, intraduzível. É como o antigo provérbio italiano: *Traduttore traditore...*<sup>3</sup>

Mas voltemos a Derrida. Segundo ele, a tradução é algo grave; o dispositivo de Lacan tem a estrutura do chiste. Que tamanha diferença não nos engane quanto às semelhanças.

Derrida se põe a discutir o *rôle* do tradutor. Esse papel é, na verdade, *tâche*, uma tarefa: a ideia é de Benjamin, *Die Aufgabe des Übersetzers, A tarefa do tradutor*, o

---

1 Agradeço à Marie-Lou Thérèse Mariette ter chamado minha atenção para essa passagem.

2 Junia Barreto faz uma tentativa bem-sucedida de tradução de *Des tours de Babel*, texto com limites intransponíveis, como a própria tradutora reconhece. Mantive aqui o texto em francês para fins de análise dos termos usados por Derrida. A tradução de Junia Barreto para a passagem citada é: “Evocando essa estranha situação, não quero apenas, não essencialmente, reduzir meu papel àquele de um passador ou de um passante. Nada é mais grave que uma tradução. Eu gostaria preferencialmente de marcar que todo tradutor está na posição de falar da tradução, em um lugar que não é nada menos que segundo ou secundário” (Derrida, 2002, p. 40).

3 Sobre esse provérbio, Freud diz: “Também é um excelente exemplo de chiste de modificação o célebre mote: *Traduttore – Traditore!* [Tradutor – Traidor!]” (Freud, 1905/2017, p. 51).

texto em questão. Na verdade, Derrida começa apontando para aquilo que *não* é a tarefa do tradutor. Temos, portanto:

1. A tarefa do tradutor não se anuncia a partir de uma *recepção*.
2. A tradução não tem por destino *comunicar*.
3. Se existe entre texto traduzido e texto traduzante uma relação de “original” à versão, ela não poderia ser *representativa* ou *reprodutiva*. A tradução não é uma imagem nem uma cópia. (Derrida, 2002, pp. 32-35, grifo do autor)

Ora, tanto o tradutor quanto o passador não recebem, não comunicam, tampouco reproduzem. Cada qual, à sua maneira, tem diante de si uma tarefa, uma tarefa impossível, ainda que necessária.<sup>4</sup> Deixando de lado, por ora, a missão que Derrida, na esteira de Benjamin, atribui ao tradutor, vamos ao que nos interessa: qual é a *tâche*, a *Aufgabe*, do passador?

A princípio, o passador escuta o testemunho do passante e o transmite a um júri, o cartel do passe. Esse cartel é o responsável pelo veredicto, por dizer se o passante transpôs o passe, quer dizer, se ele passou. Passar, então, significaria ter podido transmitir algo da trajetória de uma análise, de uma experiência singular, nessa espécie de telefone sem fio. O jogo parece se dar da seguinte forma: há algo a ser transmitido da psicanálise a partir de um testemunho indireto, de modo que o essencial possa ser depurado por meio da intermediação de dois atores escolhidos propositalmente. Mas, *bien sûre*, isso não é tudo. Lacan esteve na International Psychoanalytical Association (IPA) e conhecia os meandros da universidade. Além do discurso do mestre e do discurso universitário, há o discurso do analista. Lacan está ali, com a questão crucial da qual depende a psicanálise: como transmiti-la?

*Je me suis, je dois dire, là-dessus enquis, et c'est pour ça que j'ai fait ma Proposition, celle qui instaure ce qu'on appelle la passe, en quoi j'ai fait confiance à quelque chose qui s'appellerait transmission s'il y avait une transmission de la psychanalyse.*<sup>5</sup> (Lettres de l'École, 1979, p. 219)

---

4 Tratando da narrativa bíblica sobre a Torre de Babel, Derrida nos diz que “essa história conta, entre outras coisas, a origem da confusão das línguas, a multiplicidade dos idiomas, a tarefa necessária e impossível da tradução, sua necessidade como impossibilidade” (Derrida, 2002, pp. 20-21). Sobre a impossibilidade da transmissão da psicanálise, veja a nota 6, adiante.

5 “Eu me informei sobre isso, devo dizer, e foi por isso que fiz minha Proposição, aquela que instaura o que se chama o passe, no qual confiei em algo que se chamaria transmissão, se houvesse uma transmissão da psicanálise.”

Se houvesse uma transmissão da psicanálise,<sup>6</sup> ela se daria por meio do passe, graças à estrutura do chiste e, sobretudo, a seus efeitos. No “Discurso na Escola Freudiana de Paris”, texto redigido por Lacan após sua Proposição, de 1967, há um comentário, entre colchetes, na versão publicada em *Outros escritos*, em que se lê: “Quem verá, pois, que minha proposição é formada a partir do modelo do chiste, do papel da *dritte Person*” (Lacan, 2003, p. 269).<sup>7</sup>

A estrutura do chiste pode ser remetida às elucbrações de Freud, que se interessou pelo chiste na medida em que ele daria notícia das formações do inconsciente, ao lado dos sonhos e dos lapsos. Em *O chiste e sua relação com o inconsciente* (Freud, 1905/2017), ele analisa o dispositivo linguístico por trás do chiste, desvendando sua técnica, seus mecanismos e sua relação com o inconsciente. Freud diferencia dois tipos de chiste: os chistes verbais e intelectuais, de um lado, e os chistes tendenciosos ou abstratos, de outro. O chiste tendencioso é paradigmático para analisar a estrutura do chiste. Ele diz o seguinte: “O chiste tendencioso precisa, em geral, de três pessoas: além daquela que conta o chiste, uma segunda que é tomada como alvo da agressividade hostil ou sexual e uma terceira em que se cumpra a intenção de o chiste despertar prazer” (Freud, 1905/2017, p. 143). O “ouvinte passivo”, expressão usada por Freud, é a *dritte Person*, aquela que frui, de fato, do efeito do chiste.

Freud analisa um sem-número de chistes, mas vamos nos ater, por interesse pessoal pela crítica social, ao de Friedrich Heine. Em *Reisebilder (Quadros de viagem)*, Heine (1986) encontra Hirsch (ou Jacinto, Hyacinth), um coletor de jogos de loteria. Esse lhe conta que esteve com o barão Salómon Rothschild, em Frankfurt, o qual, sabendo de seu trabalho como coletor, convida-o a se sentar à mesa a seu lado, tratando-o como um igual, um “familiar”. O jogo linguístico aqui é de fácil apreensão: o neologismo é criado a partir das palavras familiar e milionário.<sup>8</sup> O que nos interessa, no entanto, é a estrutura desse chiste. Há três elementos: o criador do chiste, Hirsch, o alvo ou tema, o barão Rothschild, e o ouvinte, no caso,

---

6 Não podemos nos esquecer do que Lacan diz na sequência: “*Tel que maintenant j’en arrive à le penser, la psychanalyse est intrasmisible. C’est bien ennuyeux. C’est bien ennuyeux que chaque psychanalyste soit force — puisqu’il faut bien qu’il y soit force — de réinventer la psychanalyse*” (Lettres de l’École, 1979, p. 219). (“Da forma como penso agora, a psicanálise é intransmissível. Isso é bem incômodo. É bem incômodo que cada psicanalista seja forçado — já que é preciso que ele seja forçado — a reinventar a psicanálise.)

7 Em francês: “*Qui verra donc que ma proposition se forme du modèle du trait d’esprit, du rôle de la dritte Person.*” Em nota, Lacan acrescenta: “*Ceci a été sauté lors de la réponse d’où les crochets dont je l’encadre ; j’indique là cette structure de ce que personne ne s’en soit encore aperçu...*” (Lacan, 2001, p. 265).

8 Esse é um bom exemplo de chiste traduzível para o português. Como a raiz das duas palavras em alemão é comum ao português, o neologismo “*Famillionär*” torna o chiste compreensível, o que não é o caso de muitos exemplos dados por Freud. Como um dispositivo de linguagem, os chistes mantêm uma relação muito íntima com a língua em que foram criados, sendo impossível, em muitos casos, transpô-los de uma língua a outra; fato, aliás, que não foi tratado por Freud.

o próprio Heine. O efeito de prazer e riso que esse chiste pode causar advém da surpresa, do uso do neologismo “facionário”. Se se dissesse apenas que o grande barão havia tratado um homem qualquer, um funcionário de um marquês, como um igual, o efeito seria outro, sem, provavelmente, o prazer e o riso.

Ora, o passe não é um chiste, mas tem a estrutura do chiste, segundo nos informa Lacan. Os elementos estão presentes como função, e a *dritte Person*, a qual frui do efeito, é o júri. O efeito esperado, ainda que prazer e riso possam surgir, é a surpresa. Freud diz: “(...) passamos a compreender a peculiaridade do chiste de somente manifestar todo o seu efeito no ouvinte quando é novo para ele, aparecendo-lhe como uma surpresa” (Freud, 1905/2017, p. 219). O que se percebe da aplicação da estrutura do chiste para o dispositivo do passe é que o que passa não é um isso ou aquilo, mas um efeito, e o que causa surpresa no júri é exatamente a experiência singular, que não pode ser padronizada.

Como dissemos, Freud enfatizou que o efeito principal do chiste recai sobre a terceira pessoa; porém, isso não significa que a estrutura não admita outros efeitos. Segundo ele mesmo, “o chiste (...) é um malandro dúplice, que serve a dois senhores ao mesmo tempo” (Freud, 1905/2017, p. 221). A transmissão se dá, portanto, por um efeito. Efeito no júri, mas também no passante, no passador, na Escola; afinal, o efeito se coletiviza.

Se Derrida toma o sentido figurado de *passeur*<sup>9</sup> quando trata da tarefa do tradutor, vamos considerar aqui seu sentido literal, o qual, segundo o dicionário *Robert*, diz respeito a “*personne qui conduit un bac, fait passer une rivière*”, mas também “*personne qui fait passer clandestinement une frontière à quelqu’un ou quelque chose (capitiaux, objets de valeur...)*”. Fazer passar clandestinamente alguém ou alguma coisa, *passeur*, aqui, é o contrabandista. O passador é um contrabandista; o que ele contrabandeia, o que passa clandestinamente são os ecos de sua própria análise. O passador está nessa passagem, ele ainda não a transpôs, ainda... Mas está ali. Na triangulação chistosa, ele está posicionado com seu inconsciente, transmitindo ao júri, de contrabando, essa própria posição.

O tradutor não é um passador, como nos diz Derrida, mas tampouco o passador é um tradutor; seu referente é sua própria posição subjetiva: é ele, não o passante, que está na passagem, na passagem de analisante a analista, do passe clínico que institui o psicanalista, antes mesmo do passe institucional. Enquanto o tradutor está na posição de falar da tradução, o passador está em outra posição, em uma posição tal que Lacan pôde dizer que o passador é o passe:

---

9 Segundo a definição do dicionário *Larousse*, *passeur*, em sentido figurado, refere-se àquela pessoa que faz conhecer ou propaga uma obra ou doutrina, sendo, assim, intermediário entre duas culturas e/ou épocas. Alguns tradutores aceitam de bom grado o epíteto. Veja, por exemplo, o livro do grande ensaísta e tradutor Georges-Arthur Goldschmidt, *La joie du passeur*.

Donde se poderia esperar, portanto, um testemunho correto sobre aquele que transpõe esse passe, senão de um outro que, como ele, o é ainda, esse passe, ou seja, em quem está presente nesse momento o des-ser em que seu psicanalista conserva a essência daquilo que lhe é passado como luto, com isso sabendo, como qualquer outro na função de didata, que também para eles isso passará? (Lacan, 2003, p. 260)

## Um caso de contrabando em primeira pessoa

Recebi uma mensagem de WhatsApp em que se dizia que eu teria sido sorteada para escutar um testemunho de passe. Era a própria candidata que me escrevia. Marquei um horário, tendo a impressão de que aquilo não estava certo. Sabia por alto da existência desse dispositivo, mas desconhecia seus detalhes. Depois de um tempo, dei-me conta de que era aquilo mesmo e fui atrás de mais informações sobre minha tarefa. Fiquei animada. O primeiro encontro se deu em alguns dias.

Escutei a passante por mais de uma hora. Ela falava, eu escutava atentamente, anotava. Ia acompanhando os momentos-chave de uma análise que havia durado 15 anos. A narrativa foi feita sem anotações e sem seguir rigorosamente a ordem cronológica. Quando ela terminou, fiz uma única pergunta: por que o passe? A pergunta me veio à cabeça de forma quase automática. Desligamos.

Estava a mil. Pensava: que bela redução, que modo interessante de puxar um fio. Rapidamente, esse encantamento deu lugar a um: é só isso? Anos e mais anos de análise em uma hora? Alguma coisa não estava bem, e eu desconfiava de se tratar de uma contraexperiência. Mas qual?

Aos poucos, fui percebendo que o que estava em questão era minha análise, e o fato de ser “só isso” me indicava, de alguma forma, que minha análise estava por terminar. Não que eu não soubesse, mas, afinal, o momento de concluir pode durar muito... Angustiei e fiz diversas sessões cujo tema era este: minha análise está para terminar. Não falava da experiência de ser passadora, mas da contraexperiência que essa experiência me teria deixado. Estava tão angustiada que paralisei; passou um mês, e a candidata voltou a me escrever, perguntando se eu gostaria de escutá-la mais uma vez. Disse que sim, apesar da divisão. No dia anterior ao encontro, fiz uma sessão de análise, falando novamente sobre o término da minha análise. Saí dali e escrevi algumas perguntas. No dia seguinte, a pergunta que novamente se impôs foi: “por que o passe?”, mas também “por que agora?”. Havia algo de decisivo nessa pergunta que se repetia; decisivo para mim, sobre a passagem de analisante a analista. Essa passagem, em minha própria experiência de análise, tocava na questão crucial de um saber que se sabe incompleto e furado... o saber do analista?

Da contraexperiência, fui à experiência de terminar minha análise, alguns meses depois. No último dia, o derradeiro que tanto me angustiou, o significante que

já não estava lá e que me fez ter certeza de que havia chegado a hora de terminar era exatamente o “sabe-tudo”.

### Referências bibliográficas

- Derrida, J. (1998). *Psyché. Inventions de l'autre*. Paris: Éditions Galilée.
- Derrida, J. (2002). *Torres de Babel* (J. Barreto, Trad.). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Freud, S. (2017). *O chiste e sua relação com o inconsciente* (F. C. Mattos & P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Heine, H. (1986). *Reisebilder II, 1828-1831*. Heine Werke, Band 6. Berlin: Akademie-Verlag.
- Lacan, J. (2001). *Autres écrits*. Paris: Éditions du Seuil.
- Lacan, J. (2003). *Outros escritos* (A. Harari & M. A. Vieira, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lettres de l'École (1979, junho). *Bulletin Intérieur de l'École Freudienne de Paris, I(25 (II))*. Recuperado de <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2023/04/LettresEFP-N25-La-Transmission-II.pdf>

**Recebido:** 01/06/2024

**Aprovado:** 15/06/2024